

# Elizabeth Bishop – O Iceberg Imaginário

O iceberg nos atrai mais que o navio,  
mesmo acabando com a viagem.

Mesmo pairando imóvel, nuvem pétrea,  
e o mar um mármore revolto.

O iceberg nos atrai mais que o navio:  
queremos esse chão vivo de neve,  
mesmo com as velas do navio tombadas  
qual neve indissoluta sobre a água.

Ó calmo campo flutuante,  
sabes que um iceberg dorme em ti, e em breve  
vai despertar e talvez pastar na tua neve?

Esta cena um marujo daria os olhos  
pra ver. Esquece-se o navio. O iceberg  
sobe e desce; seus píncaros de vidro  
corrigem elípticas no céu.

Este cenário empresta a quem o pisa  
uma retórica fácil. O pano leve  
é levantado por cordas finíssimas  
de aéreas espirais de neve.

Duelo de argúcia entre as alvas agulhas  
e o sol. O seu peso o iceberg enfrenta  
no palco instável e incerto onde se assenta.

É por dentro que o iceberg se faceta.

Tal como joias numa tumba  
ele se salva para sempre, e adorna  
só a si, talvez também as neves  
que nos assombram tanto sobre o mar.

Adeus, adeus, dizemos, e o navio  
segue viagem, e as ondas se sucedem,  
e as nuvens buscam um céu mais quente.

O iceberg seduz a alma  
(pois os dois se inventam do quase invisível)  
a vê-lo assim: concreto, ereto, indivisível.

**Elizabeth Bishop, Poemas Escolhidos**